

Mestrado em Estudos Americanos

Seminário de Métodos e Práticas do Trabalho Científico

Orientado por:

Doutora Anne Cova

O Universo de Paul Auster em *Smoke*:

A Identidade, o Espaço e a Indeterminação
no Contexto do Pós-Modernismo

José Carlos Mota

Universidade Aberta

Maio 2002

INTRODUÇÃO

«LM: You told me once that in a certain way you felt all of your books were really “the same book”. What book *is* that?

PA: The story of my obsessions, I suppose. The saga of the things that haunt me. Like it or not, all my books seem to revolve around the same set of questions, the same human dilemmas.»

(*The Art of Hunger*: 295)

A gênese de *Smoke* constitui, em si mesma, uma narrativa ao estilo de Paul Auster, onde o inesperado e o acaso se encontram para produzir uma sequência de acontecimentos que viria a culminar na realização do filme. Decidido a fazer um filme com base no conto *Auggie Wren’s Christmas Story*, publicado por Auster no *The New York Times* a 25 de Dezembro de 1990, o realizador Wayne Wang encontra-se com o escritor pela primeira vez em Maio do ano seguinte, em Brooklyn, e, após uma recusa inicial, Auster acaba por aceitar escrever o argumento.

Aos poucos, e dada a excelente relação com Wang, Auster vai-se envolvendo cada vez mais na realização e na montagem do filme. Tradutor e escritor, a escrita de um argumento representa, para Auster, uma novidade, mas ainda assim dentro de um universo que poderemos designar como familiar. É o percurso de argumentista a co-autor de *Smoke* que constitui uma descoberta para ele, e lhe dá a oportunidade de explorar as possibilidades de representação num meio e numa linguagem diferentes. É precisamente deste estatuto de autoria que surge a questão de partida deste trabalho: em que medida é que o filme *Smoke* reflecte as problemáticas e os processos que caracterizam a obra de Auster enquanto escritor?

A primeira grande questão coloca-se, então, em termos de uma tentativa de sistematização daquilo que poderá constituir esse universo reconhecível e pessoal. Qualquer abordagem no sentido de tentar identificar um conjunto de questões recorrentes na obra de Auster (ou obsessões, como ele as qualifica), terá inevitavelmente que passar por *The Invention of Solitude*, obra que Auster escreve na sequência da morte do pai. Para Dennis Barone, «*The Invention of Solitude* may be read as Auster’s chosen and invented mythology, as the first cause of all his subsequent works» (1995: 14). No mesmo sentido vai a afirmação de Pascal Bruckner, para quem «*The Invention of Solitude* is both the *ars poetica* and the seminal work of Paul Auster. To understand him we must start here; all his books lead us back to this one» (1995: 27).

E de que trata, então, esta obra? Classificá-la como autobiográfica seria, porventura, redutor, já que, partindo de material autobiográfico, ela o transcende, utilizando, em muitos aspectos, dispositivos discursivos e narrativos próximos dos da ficção, de uma forma que Barone designa como *auto-referencial* (1995: 14). Ela é, segundo Auster, uma tentativa de compreensão de si mesmo, mas também uma exploração de questões comuns a todos nós, dividida em duas secções: *Portrait of an Invisible Man* e *The Book of Memory*. A primeira secção constitui uma viagem pela memória em busca do pai, num processo que poderá entender-se necessário (e prévio) à (re)construção de uma identidade, bloqueada pelo facto de esse pai ser uma figura ausente - «Earliest memory: his absence» (20), ininteligível - «He did not seem to be a man occupying space, but rather a block of impenetrable space in the form of a man» (7), de quem se conhece apenas a(s) máscara(s).

A segunda secção é uma interrogação da própria subjectividade, por um lado, e das possibilidades de compreensão e de representação do real, por outro, escrita no distanciamento da terceira pessoa. Essa questionação da subjectividade, ou, se quisermos utilizar um termo mais abrangente, da identidade, desenrola-se numa frequente oposição entre espaços fechados (*rooms*, de que a tradução “quartos” não nos dá toda a dimensão) e espaços abertos, sobretudo o espaço urbano da grande cidade.

Este será, portanto, o primeiro ponto de paragem neste percurso. Abordaremos, em seguida, três obras de Auster: *The New York Trilogy* – constituída por *City of Glass*, *Ghosts* e *The Locked Room* –, *In the Country of Last Things* e *The Music of Chance*, em que são trabalhadas várias das questões fundamentais em Auster, como a Identidade, a Relação com o Espaço, o Acaso, a relação problemática entre a Realidade e a sua Percepção e Representação, bem como um conjunto de aspectos que poderemos considerar como fazendo parte daquilo a que poderemos designar de Indeterminação – a impossibilidade de um conhecimento seguro e inequívoco sobre o mundo, a fragmentaridade e a descontinuidade do real, a subversão da noção de verdade, a ambiguidade e o jogo. No final destas leituras esperamos ter conseguido, sem pretensões de exaustividade e de certezas inquestionáveis, definir as linhas maiores do universo do autor.

É aqui que nos surge, assim, uma outra questão: falar da obra de Auster e daquilo que nela se exprime implica, também, falar do contexto em que essa obra se desenvolve, ou seja, enquadrá-la em termos estéticos. Como refere Barone (1995), a definição de Paul Auster enquanto escritor pós-moderno é, em muitos aspectos, problemática. Se, por um lado, se encontram na sua obra alguns aspectos facilmente identificáveis com uma estética

pós-moderna, outros há que lhe são estranhos e se inscrevem claramente numa tradição anterior. Atentemos nestas palavras de Auster acerca da sua escrita em *The Art of Hunger*: «I would say that the greatest influence on my work has been fairy tales, the oral tradition of storytelling» (331); «When I write, the story is always uppermost in my mind, and I feel that everything must be sacrificed to it» (283); «In the long run, I suppose, I tend to think of myself more as a storyteller than a novelist» (336). Parecemos, em certa medida, estar aqui num lugar muito longínquo relativamente ao estereótipo do escritor pós-moderno.

Além disso, algumas das características mais comumente atribuídas à produção pós-moderna estão ausentes na obra de Auster, nomeadamente aquelas que Jameson (1991) refere na crítica que faz a essa mesma produção. Desde logo, o próprio conceito de Pós-Modernismo está longe de ser estável e definido. Ora se lhe atribuem características que podemos já reconhecer, de forma embrionária ou completa, no Romantismo e no Modernismo, ora se utiliza esta definição para englobar uma série de formas de expressão e linguagens que surgem por volta dos anos sessenta (ou um pouco antes, ou um pouco depois, consoante os autores), e que possuem uma grande heterogeneidade. Depois, parece haver, por vezes, a tendência para fazer coincidir os conceitos de Modernidade e Modernismo e de Pós-Modernidade e Pós-Modernismo. Também aqui será necessário, tomando como ponto de partida os contributos decisivos de Berman (1988), Jameson (1991) e Harvey (2001) para a compreensão desta problemática, tentar clarificar algumas questões no sentido de conseguir instrumentos conceptuais de análise operativos.

A análise que se fará de *Smoke* terá, forçosamente, que se situar num espaço de confluência entre a literatura e o cinema. Se, por um lado, partimos da hipótese de que o filme reflectirá os aspectos maiores, em termos das suas temáticas e processos de significação, disso a que chamámos o universo de Paul Auster, também será interessante investigar não só a maneira como estes aspectos são trabalhados numa forma de expressão diferente como é o cinema, como ainda em que medida essa forma (essa linguagem) promove (ou não) o aparecimento de algumas discontinuidades relativamente a ele.

Neste contexto, será útil reflectir um pouco sobre a natureza e formas de significação e de representação do real do Cinema. Autores como Christian Metz, Richard Allen, David Bordwell, Pasolini ou Paul Willemen podem ajudar-nos a compreender a forma como o Cinema engendra o(s) sentido(s), as suas relações com o real e com a

linguagem, a sua interpenetração com outras áreas de conhecimento e de criação, e a forma como nós, enquanto receptores activos, interpretamos os filmes que vemos.

Assim, este trabalho desenvolver-se-à em sete capítulos: nos três primeiros procurará estabelecer-se as bases (princípios, conceitos) necessárias à análise posterior; nos quatro seguintes proceder-se-à à análise de *Smoke*. Esses capítulos terão os seguintes títulos:

Capítulo I – Modernismo e Pós-Modernismo: continuidades e discontinuidades

Capítulo II – O que é um escritor pós-moderno? As ambiguidades de Paul Auster

Capítulo III – O Universo de Paul Auster

Capítulo IV – O(s) Espaço(s) em *Smoke*

Capítulo V – Acaso, Fragmentaridade e Indeterminação

Capítulo VI – Identidade, Memória e Montagem

Capítulo VII – A Realidade da Ilusão

Nas conclusões se dará, então, conta de qual o estatuto de *Smoke* no universo de Paul Auster (objecto familiar? Objecto estranho?), das respostas que se encontraram para as questões levantadas e das interrogações entretanto surgidas e que poderão constituir pontos de partida para novas investigações.

BIBLIOGRAFIA

BIBLIOGRAFIA PRIMÁRIA

Auster, Paul. *City of Glass*. New York: Sun & Moon Press, 1985.

---. *Ghosts*. New York: Sun & Moon Press, 1986.

---. *In the Country of Last Things*. New York: Viking, 1987.

---. *The Invention of Solitude*. New York: Penguin Books, 1988.

---. *The Locked Room*. New York: Sun & Moon Press, 1986.

---. *The Music of Chance*. New York: Viking, 1990.

FILMOGRAFIA

Smoke. Dir. Wayne Wang and Paul Auster. Perf. William Hurt Harvey Keitel, Harold Perrineau Jr., Forest Whitaker and Stockard Channing. Miramax, 1994.

BIBLIOGRAFIA SECUNDÁRIA

Allen, Richard. *Projecting Illusion - Film Spectatorship and the Impression of Reality*. Cambridge: Cambridge University Press, 1995.

Auster, Paul. *The Art of Hunger: Essays, Prefaces, Interviews and the Red Notebook*. New York: Penguin Books, 1997.

Barone, Dennis, ed. *Beyond the Red Notebook - Essays on Paul Auster*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1995.

---. "Introduction: Paul Auster and the Postmodern American Novel." *Beyond the Red Notebook - Essays on Paul Auster*. Ed. Dennis Barone. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1995. Pp.1-26.

- Berman, Marshall. *All That Is Solid Melts into Air: The Experience of Modernity*. New York: Penguin Books, 1988.
- Bordwell, David. *Making Meaning - Inference and Rhetoric in the Interpretation of Cinema*. Cambridge: Harvard University Press, 1989.
- Bradbury, Malcolm. "Modernism/Postmodernism." *Innovation/Renovation: New Perspectives on the Humanities*. Ed. Ihab Hassan and Sally Hassan. Madison: University of Wisconsin Press, 1983. Pp.311-27.
- Bruckner, Pascal. "Paul Auster, or the Heir Intestate." *Beyond the Red Notebook - Essays on Paul Auster*. Ed. Dennis Barone. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1995. Pp.27-33.
- Creeley, Robert. "Austerities." *Review of Contemporary Fiction* 14.1 (1994): 35-39.
- Falcão, Orlando. "Paul Auster: A Literatura E O Cinema Como Artes Do Acaso." *Actas Do Congresso Internacional Literatura, Cinema E Outras Artes*. Ed. Isabel Vaz Ponce de Leão. Porto: Edições Universidade Fernando Pessoa, 2001. Pp.431-40.
- Geadá, Eduardo, ed. *Estéticas Do Cinema*. Lisboa: Publicações D. Quixote, 1985.
- Harvey, David. *The Condition of Postmodernity - an Enquiry into the Origins of Cultural Change*. Cambridge MA: Blackwell, 2001.
- Jameson, Fredric. *Postmodernism, or the Cultural Logic of Late Capitalism*. London: Verso, 1991.
- Metz, Christian. *Linguagem E Cinema*. S. Paulo: Editora Perspectiva, 1980.
- Pasolini, Pier Paolo. "Observações Sobre O Plano-Sequência." *Estéticas Do Cinema*. Ed. Eduardo Geadá. Lisboa: Publicações D. Quixote, 1985.
- Willemsen, Paul. *Looks and Frictions - Essays in Cultural Studies and Film Theory*. London: British Film Institute, 1994.